

## “Sai Dela, Meu Povo”: Crítica Social no Apocalipse de João

Valtair A. Miranda\*

### Resumo

O artigo investiga vários autores que escreveram sobre o livro de Apocalipse. Para esses intérpretes, a questão que motivou a escrita de Apocalipse é principalmente uma crise interna da comunidade cristã. O primeiro autor analisado é Paul B. Duff, (*Who rides the beast?*), que interpreta Apocalipse a partir de uma crise interna nas Igrejas da Ásia Menor. Outro autor é Nelson Kraybill (*Culto e Comércio imperiais no Apocalipse de João*), que constrói o referencial hermenêutico de Apocalipse a partir da análise do envolvimento de cristãos e judeus no Império Romano. Para este autor, João escreve para orientar a comunidade cristã sobre os perigos do envolvimento com o comércio no mundo romano aliado ao idólatra culto imperial. Essa mesma abordagem é vista em Nestor Paulo Friedrich (*Adapt or resist? A sócio-political reading of Revelation*).

**Palavras-chave:** Apocalipse – Ásia Menor – Roma – sociedade

### Abstract

This article investigates the various interpreters of the book of Revelation who affirm that the motivation for the writing of the book is the internal crisis in the Christian community in the context of the Roman Empire. In this perspective we find Paul B. Duff (*Who rides the beast?*). Both Nelson Kraybill (*Culto e Comércio Imperiais no Apocalipse*

Mestre em Teologia. Mestre em Ciências da Religião. Coordenador de Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB)

de João [Imperial Cult and Commerce in the Revelation of John]) and Nestor Paulo Friedrich (Adapt or resist? A socio-political reading of Revelation) affirm that John writes in order to instruct the Christian community about the dangers involved with commerce in the Roman world associated with the idolatrous imperial cult.

**Key-words:** Revelation, Asia Minor, Rome, society.

## **Introdução**

Nos últimos anos, o estudo em torno do livro do último livro do Novo Testamento ganhou uma discussão curiosa. Vários autores se debruçaram sobre o debate em torno da questão das interações sociais de João e das igrejas para as quais ele escreveu. Alguns desses autores trouxeram à tona o tema do comércio no mediterrâneo antigo; outros, as disputas sobre a carne sacrificada nos templos.

### **1. A besta está dentro da igreja**

O primeiro autor a ser estudado é Paul B. Duff. Pelo menos no tempo de produção da obra *“Who rides the beast? Prophetic rivalry and the rhetoric of crisis in the churches of the Apocalypse* (Oxford: University Press, 2001, 189 p.), ele era professor de Religião na Universidade George Washington. Sua obra se concentra, como o próprio título indica, em torno da rivalidade profética e da retórica de crise no meio das igrejas do Apocalipse de João (Ap 2 e 3).

A obra começa com uma parte onde ele procura revisar a pesquisa recente em torno do tema da crise subjacente ao Apocalipse. Segundo Duff, a narrativa do Apocalipse revela algum tipo crise, mas os estudiosos estão divididos quanto à relação dessa crise com o contexto histórico social concreto dos cristãos destinatários da obra. Apesar de o livro ser carregado de imagens de violência, não existe evidências históricas de perseguição oficial e generalizada no tempo de Domiciano (período onde se situa o Apocalipse para a maioria dos estudiosos). Neste caso, a tarefa de quem se detém a

trabalhar com Apocalipse é conciliar e relacionar a tensão entre história e literatura. Isso faz com que seja cada vez mais raro entender uma perseguição como elemento propulsor para a produção do livro do Apocalipse.

A maneira como Duff articula e trabalha essa tensão leva em conta alguns elementos. Ele assume que algum tipo de distúrbio ou conflito funcionou como canalizador para o livro de Apocalipse. Entretanto, ao eliminar a possibilidade da perseguição, e uma perturbação externa séria, surge a possibilidade de João estar reagindo especificamente a questões internas das igrejas.

A principal base de Duff para essa afirmação é justamente a análise dos capítulos 2 e 3 de Apocalipse, que mencionam sete comunidades cristãs e a relação destas com o visionário João. Nessa análise, praticamente todos os problemas do visionário envolvem algum tipo de questão interna. Isso faz com que o livro possa ser compreendido como o resultado de dinâmicas sociais de grupos em conflitos. Conflito esse que girava em torno de posição social e mobilidade econômica mais que sobre questões teológicas diferentes.

O livro de Apocalipse teria sido construído retoricamente para convencer seus leitores da perspectiva social do seu autor, e para isso utiliza a estratégia de destacar a crise entre cristianismo e contexto social.

Para Duff, os cristãos do primeiro século eram na maior parte mercadores e artesãos, muitos dos quais já tinham sido escravos, ou eram descendentes de escravos. A possibilidade de ascensão social para este grupo é bem documentada no período. Nesse caso, entende-se que aqueles que não haviam avançado economicamente na comunidade tinham uma perspectiva de resistência à assimilação de determinados aspectos da cultura e sociedade romana.

Duff encontra fortes traços de um sério problema dentro dos grupos cristãos. Estes grupos são apresentados em quatro categorias:

- O grupo de fiéis. São aqueles que possuíam uma visão parecida com a de João;
- Os que se chamam “judeus”;
- O grupo conectado à liderança de Jezabel e os nicolaítas;
- A maioria invisível.

O primeiro grupo aparece principalmente nas cartas às igrejas de Esmirna e Filadélfia. Eles evitam comer comidas oferecidas aos ídolos e participar de fornicção. Também rejeitam a liderança de qualquer outro líder cristão. O traço mais marcante do grupo é a ausência de influência social e econômica.

O segundo grupo é formado por judeus não cristãos. Apesar de ter pouco espaço no Apocalipse, essa hostilidade deve ter tido algum impacto nas comunidades cristãs, por causa da forte estigmatização desse grupo social nas cartas do Apocalipse.

O terceiro grupo é o de Jezabel e seus seguidores, chamados de nicolaítas. O ato pelo qual o visionário os condena especificamente é comer comidas oferecidas aos ídolos e cometer fornicção. O que significaria exatamente a primeira acusação? Para Duff, seria uma comida especialmente relacionada com a adoração a outros deuses. Em função da tradição monoteísta judaica, essa comida veio a ser denominada de idolatria.

João também acusa esse grupo de praticar fornicção. Essa palavra significava basicamente uma relação sexual fora do casamento. Seu conceito na tradição judaica, entretanto, foi ampliado, principalmente no período helenista, quando foi relacionada com a idolatria. Isso faz com que a leitura de fornicção em Apocalipse possa ser compreendida em seu sentido metafórico, apenas como uma reiteração de idolatria. Neste caso, ambas as acusações se referem especificamente a uma única ação, qual seja, a de participar de atividades sociais onde comida sacrificial estivesse presente.

Neste sentido, surge uma curiosa questão. Apesar de explicitamente algumas pessoas na comunidade estarem participando dessas interações sociais, a linguagem do visionário é muito cuidadosa ao fazer as acusações. Isso seria sinal de que João tinha medo de afastar a comunidade, ou parte dela, por causa das pessoas da igreja que não enxergavam a questão da mesma forma que ele.

O último grupo, e que desempenha um importante papel no Apocalipse, é a maioria invisível. Possivelmente, as pessoas que aparecem nas cartas fazem parte ou do grupo principal e liberal (Jezabel e seguidores) ou do grupo minoritário conservador (João e seus seguidores). Estes dois grupos, entretanto, formam uma minoria dentro das igrejas. Duff entende que nas igrejas existiam muitos que não pertenciam a nenhum desses dois segmentos. Eles, por sua vez, formam uma espécie de maioria invisível, já que não aparecem de forma explícita nas cartas, apesar serem o alvo da oratória joanina.

É a eles que se dirige a argumentação do Apocalipse. É para eles que o visionário dirige uma chamada de arrependimento. Já que com eles existe a possibilidade de reconciliação, João quer levá-los para o seu lado.

Visto desta forma, o cerne do conflito subjacente ao Apocalipse, entre João e Jezabel, pode ser encontrado em aspectos sociais da vida cotidiana das comunidades. Jezabel defendia o engajamento com a sociedade, e João recomendava uma ruptura e conseqüente afastamento.

João, entretanto, não condena diretamente seus adversários nas comunidades. Sua linguagem é indireta e sutil. Duff entende que isto se deve à dinâmica das comunidades cristãs. João se opõe energeticamente contra Jezabel e seus seguidores, argumentando contra sua posição. Entretanto, ele escreve para um público que não tomou uma posição diante da disputa, a maioria invisível.

O visionário é aparentemente cuidadoso para que sua condenação não tenha o potencial de ofender e afastar a sua audiência primária. É por isso que ele condena a ação (o comércio), mas não ataca da mesma forma os atores (os comerciantes e consumidores).

João deseja unir a igreja em torno dele, e tenta fazê-lo através de dois movimentos. A primeira ação é desenvolver o sentido de crise entre as igrejas e o mundo exterior. Daí as imagens de perseguição e violência. Essa crise é intensificada ao demonstrar Babilônia como quem tem sua autoridade oriunda diretamente de Satanás. A luta não é mais entre as igrejas e Roma, mas entre as forças de Deus (as igrejas) e as forças de Satã (Roma). O segundo movimento retórico consiste em conectar sua rival Jezabel com a inimiga externa Babilônia (e, por implicação, com Satã). Esta segunda estratégia, entretanto, é feita de forma sutil.

João demoniza Jezabel. Ele faz isso através da demonstração de um mundo narrativo dualista no qual o crente está perseguido por forças satânicas. Simultaneamente, o visionário liga sua oponente a essas forças satânicas. Ele faz isso levantando alguma correspondência de estrutura, posição e caracteres em diferentes dimensões. No mundo narrativo de Apocalipse, há figuras que são postas em oposição, outras em equivalência, mas geralmente com algum grau de correspondência. Em alguns momentos elas são comparadas, outras vezes contrastadas.

É desta forma que o visionário relaciona e liga Jezabel com Babilônica e as duas bestas, ao mesmo tempo em que as contrasta com outras figuras femininas positivas. São quatro as mulheres que aparecem em Apocalipse. Jezabel (Ap 2.18-29), a mulher vestida de sol (Ap 12), a prostituta Babilônia (Ap 17) e a noiva (Ap 21.1-22.6). Estas quatro são comparáveis ou contrastáveis de uma maneira ou outra.

A figura histórica negativa Jezabel e a noiva metafórica positiva estruturam o conjunto inteiro do livro. Já a mulher ensolarada (positiva) e a prostituta (negativa) parecem ser o centro da obra.

Dessas quatro, o principal paralelo de equivalência é entre Babilônia e Jezabel. Dentre as quatro mulheres, Jezabel é singular porque não é uma figura metafórica ou mítica, como as outras três. Ela é de carne e osso, além de ser contemporânea de João. A passagem de Apocalipse 2.20-23 apresenta os maiores pontos de contato entre as duas figuras femininas (ambas são figuras ativas, seduzem, têm os filhos ameaçados). Segundo Duff, entretanto, mesmo sem essas conexões textuais, existem outras razões que levariam o leitor ou ouvinte a fazer essa conexão. Babilônia, descrita como uma rainha prostituta em Apocalipse 17, naturalmente traria à mente a esposa de Acabe, Jezabel.

A esposa de Acabe também era uma rainha, bem como estava associada com promiscuidade sexual na Escritura hebraica. Ela derramou o sangue dos profetas de Deus, da mesma forma como a prostituta Babilônia bebe o sangue das testemunhas de Jesus. A carne de Babilônia é devorada (Ap 17.16) da mesma forma que a carne da rainha Jezabel (1Re 21.23-24) foi comida por cães. Desta forma, para Duff, “parece óbvio que o texto convida os leitores a considerar Jezabel em conexão com Babilônia”.<sup>1</sup>

Esse paralelo, então, faz com que ato de Babilônia de consumir sangue humano (comida impura) possa ser visto pelos leitores de forma comparável à ação de Jezabel de encorajar ou permitir que cristãos comessem comida sacrificada. Da mesma forma como uma é prostituta, a outra está envolvida em fornicção. Ou seja, a grande adversária das testemunhas de Jesus (Ap 17) tem uma representante dentro das próprias igrejas na figura de Jezabel.

A reação do profeta João é encorajar seus leitores e ouvintes a verem Jezabel à luz do conflito entre o Cordeiro e Satã, condenando-a como uma aliada do Dragão e seus

---

<sup>1</sup> Paul B. *Who rides the beast? Prophetic rivalry and the rhetoric of crisis in the churches of the Apocalypse*. Oxford: University Press, 2001, p. 90.

bestas. João quer que eles entendam sua adversária como eles compreendem as demais figuras enganadoras do Apocalipse (Satã, Babilônia e a besta que sai da terra e o falso profeta).

## **2. Comprar e vender para a besta**

Outro autor recente é Nelson Kraybill (*Culto e Comércio imperiais no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2004.). Sua tese é de que um número grande de judeus e cristãos do primeiro século possuía uma chance de se sair bem na estrutura comercial do Império Romano, e com isso ascender social e economicamente. Por outro lado, visto que o Culto Imperial desenvolveu-se neste mesmo período, ele tornou-se com o tempo cada vez mais relacionado com a estrutura comercial do Império. Para se relacionar bem com a sociedade, e como consequência conseguir vender seus produtos, era tentação para os comerciantes cristãos e judeus a participação no culto imperial de Roma. Ao ver isso, o visionário João critica fortemente a estrutura comercial de Roma e vaticina seu fim iminente.

Para Kraybill, a chave de leitura do Apocalipse de João está na figura das duas bestas, por causa do seu destaque que elas possuem no mundo simbólico do visionário. A primeira besta (Ap 13.1-10) parece representar o Império Romano ou o próprio Imperador. Já a segunda besta (Ap 13.11-18) é, possivelmente, um sacerdote do culto imperial, na forma de uma instituição muito comum na Ásia Menor nos tempos de João, cujo fim era conceder honras divinas ao Imperador.

Kraybill entende que Roma é o centro da preocupação de João, identificada como uma prostituta com a qual se contaminaram os reis da terra (Ap 17.2; 18.3,9). Ela é a grande cidade que está reinando sobre os reis da terra.

Neste caso, pode ser que o fortalecimento e a proliferação do culto imperial pela Ásia Menor, aliado ao entusiasmo com que as pessoas e as cidades o apoiavam, tenha sido o elemento catalisador do Apocalipse de João, ao provocar a preocupação com a influência idólatra de Roma.

Contra estas coisas escreve João. Para ele, o próprio comércio imperial, base dessa estrutura pagã, iria cair em breve por causa da idolatria. O visionário prevê o fim do culto imperial e do comércio, mas não necessariamente das nações, já que ele deseja uma sociedade justa em termo sócio-econômico e fiel em termo religioso na nova Jerusalém, cidade que substituiria a prostituta Babilônia (Roma).

Para Kraybill, igualmente, a crise que João observa não era compartilhada por uma parcela das igrejas para as quais escreve. Por isso ele deseja não apenas indicar a crise que apenas ele via, mas também provocá-la.

Essa necessidade de geração de crise se manifestava por causa da postura distinta de alguns cristãos frente à sociedade romana. Os crentes se debatiam sobre qual deveria ser a postura dos cristãos nos assuntos da sociedade que os rodeava. Esse debate, entretanto, retrocede já aos tempos de Paulo, sobre o papel do cristão na sociedade.

Naquele período, a região do Apocalipse tinha uma economia florescente, fruto de um forte comércio que vigorava em quase todo o Império. Era o comércio que proporcionava esse crescimento. Ele também era um trampolim para posições mais altas da sociedade. Daí o debate do visionário com cristãos que estavam ocupados com o comércio marítimo e internacional, que não eram imunes às tentações de um rápido enriquecimento a partir das relações amigáveis com Roma.

### **3. Edito profético contra a besta**

Um autor, agora de origem brasileira, Nestor Paulo Friedrich (*Adapt or resist? A sócio-political reading of Revelation 2.18-29*), também entende que a chave de leitura do Apocalipse está no conflito do profeta com a sociedade Romana. É esse conflito que provoca a leitura do Apocalipse de João. Ao mesmo tempo, enquanto está mergulhado numa crise externa, o visionário se vê também envolvido numa disputa interna com suas comunidades que buscam se adaptar à sociedade com um esvaziamento da denúncia profética cristã contra a idolatria.

Friedrich acredita que as cartas são, na verdade, editos proféticos, proclamações para sete igrejas concretas com quem João tinha contato. O principal tema das



proclamações é a prática cotidiana do cristianismo, o conflito entre os grupos e as relações com a sociedade greco-romana. Esta correspondência, entretanto, já demonstra um grande grau de tensão e diversidade de grupos e rupturas nas comunidades do Apocalipse.

A questão principal destas cartas está no problema da comida de carne sacrificial e na prática da prostituição, cujos temas estão relacionados com o culto imperial. Este culto se tornou tão popular na Ásia por causa da vontade das províncias em demonstrar fidelidade à Roma. Essa fidelidade era retribuída com benefícios imperiais numa relação de patronagem. Para o vidente, entretanto, essa relação era reputada como prostituição, já que viver na cidade significava a necessidade de interagir com a vida religiosa, política, econômica e social.

Friedrich destaca que mesmo sem ter existido polêmica oficial contra os cristãos, a sociedade os discriminava por causa da recusa em participar dos cultos e atividades religiosas das cidades. Isso poderia desagradar ao Império.

Neste sentido, João se defronta com uma líder cristã que entende de forma diferente essa relação. Enquanto o visionário deseja o não alinhamento, ela quer a interação social. Já o próprio nome com o qual João a denomina implica uma tentativa de desacreditar o exercício de sua liderança profética. Por isso, ela não é uma líder isolada, mas representa uma posição, a mesma posição da prostituta Babilônia de Apocalipse 17.3. Isso pode ser visto pela forma com que João a coloca como paralelo dos agentes que representam o interesse da besta, o Império Romano. Ela, como o diabo e Satanás (12.9), a besta (13.11-14), o falso profeta (19.20), o dragão (20.3), procura “seduzir” aqueles que estão ao alcance de sua liderança. Por isso, para Friedrich, Jezabel não passa de uma versão local da prostituta Babilônia (Ap 17-18).

Nas palavras de Friedrich, “comer carne sacrificada aos ídolos e prostituição são assuntos que, no contexto da Ásia Menor, fazem parte de uma teia de relações de poder que envolvem a religião, a economia e a articulação do poder das elites locais com o Império”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> FRIEDRICH, Nestor Paulo. Adapto or resist? A sócio-political reading of Revelation 2.18-29. In *Journal of Study of New Testament*, 25,2, 2002, p.

## **Conclusão**

Todos os autores acima apresentados procuram trabalhar o tema do Culto Imperial nos tempos do Apocalipse de João, e com isso solucionar a tensão entre contexto histórico-social e estrutura narrativa do Apocalipse. Nas suas respostas, viram uma ligação direta entre Jezabel e Babilônia. Realmente, eles fazem boas contribuições para o universo social em torno do livro do Apocalipse. Com isso, cada leitor pode se aproximar um pouco mais desta obra no intento de compreender sua mensagem.

A crítica que precisa ser feita aos autores, entretanto, é que aparentemente eles esquecem ou ignoram a poderosa experiência visionária experimentada por João na Ilha de Patmos. Ao assim fazerem, deixam de lado também a rica tradição teológica e religiosa atrás de João, como o Antigo Testamento e as correntes apocalípticas anteriores.

O grande diferencial do profeta João não estava apropriadamente na sua visão de mundo, mas na sua firme convicção de sua voz, naquele momento, era a voz do Cordeiro. Quando se expressa, neste caso, não faz apenas juízos sobre seus adversários, mas os apresenta como inimigos do próprio Deus.

É por isso que Apocalipse é fascinante. É obra de um homem que se deixou envolver de tal forma pelos mistérios de Deus que todo o universo à sua volta se transformou. Ao olhar para o mundo, em vez de ver o que os demais crentes viam, enxergava-o com os olhos da fé, imerso numa luta que levaria todas as pessoas, direta ou indiretamente, para diante do tribunal celestial.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DUFF, Paul B. *Who rides the beast? Prophetic rivalry and the rhetoric of crisis in the churches of the Apocalypse*. Oxford: University Press, 2001. 189 p.

KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2004. 373 p.

FRIEDRICH, Nestor Paulo. Adapt or resist? A sócio-political reading of Revelation 2.18-29. In *Journal of Study of New Testament*, 25,2, 2002, p. 185-211.